

REAL "Consumo não melhora a vida"

Classe média empobrece, diz estudo

CLÁUDIA PIRES
da Reportagem Local

Comprar mais produtos por meio de longos financiamentos, como a classe média tem feito, não significa necessariamente melhoria de qualidade de vida.

A opinião, que tromba com a generalizada percepção mais rósea que se tem do Plano Real, é do economista Waldir Quadros, professor e diretor do Instituto de Economia da Unicamp.

Para ele, a classe média está passando por um processo de transformação. Hoje, apesar de ter condições de consumir mais, não consegue ter acesso à educação e saúde, por exemplo. Isso se aplicaria também às classes baixas consideradas "emergentes", ou seja, que estão com maior poder aquisitivo.

O Instituto de Economia da Unicamp estuda os problemas da classe média desde a década de 70. Atualmente, a universidade está desenvolvendo novas pesquisas para comprovar o empobrecimento das condições gerais de vida da classe média brasileira.

"Na verdade, o consumidor em geral está melhor. O que está mal é o cidadão. O consumidor está com muitas facilidades, como crédito, financiamentos etc. Mas se ele ficar doente e não tiver dinheiro vai morrer na fila do médico."

O professor explica que o que está ocorrendo é um aumento do consumo de bens duráveis e de alimentação. "Já o consumo de serviço social, como saúde e educação, não existe."

Quadros analisa a classe média

de acordo com a colocação da pessoa no mercado de trabalho. "Há uma crise de reprodução social da classe média. As famílias que ascenderam ao longo do milagre, estão tendo dificuldades de situar seus filhos nas mesmas condições que tinham há 20 anos."

Ele afirma que as principais características dessa nova classe média são baixo nível salarial e maior participação do trabalho autônomo no mercado. Essa análise é resultado de uma pesquisa sobre a classe média brasileira feita por Quadros até 1994. Atualmente, ele está trabalhando em um novo estudo, que avalia os resultados dessas mudanças após o Real. "Tudo indica que essas teorias serão comprovadas também nesse período."

"Emergentes"

O professor da Unicamp afirma que os chamados "emergentes" representam o novo perfil dos consumidores brasileiros.

"Esses consumidores, porém, ainda são explorados, porque as taxas de juros são altíssimas. Mas as facilidades de financiamento empurram para o crédito."

Para o professor, a diminuição das oportunidades é uma decorrência da diminuição do trabalho assalariado e consequente aumento do trabalho autônomo.

"Há uma mudança da estrutura ocupacional. As ofertas de trabalho autônomo dificilmente compensam a falta de vagas."

Para Quadros, a falta de oportunidades para jovens no mercado de trabalho seria uma das características de um empobrecimento.



O professor Waldir Quadros, diretor do Instituto de Economia da Unicamp, que está desenvolvendo pesquisas sobre a classe média brasileira

"Globalização financeira fez parte do processo"

da Reportagem Local

Para o professor Waldir Quadros, a globalização financeira e a reestruturação das empresas foram grandes responsáveis no processo de transformação da classe média. A seguir, trechos da entrevista do professor da Unicamp:

★

Folha - Qual sua definição de classe média hoje?

Waldir Quadros - Existem várias maneiras de se definir classe média. A forma mais comum é pelo poder aquisitivo, ou seja, é uma classe de renda média. Mas meu trabalho não parte desse princípio e sim da inserção da pessoa na estrutura ocupacional. Dividimos a

classe em média alta (executivos, pequenos empresários), média baixa (professores primários, balconistas) e média média (bancários, professores secundários).

Folha - O Plano Real acentuou o empobrecimento da classe média?

Quadros - Sim, mas ainda estamos avaliando com mais detalhes a fase pós-Real. Isso resultará em uma nova pesquisa em 97. As evidências apontam que essa tendência observada no período de 90 a 94 vem se mantendo.

Folha - O sr. fala muito em encolhimento de oportunidades. Como se deu essa diminuição?

Quadros - O que pesou foi a globalização financeira. Se as empresas estivessem se reestruturando, mas houvesse aumento do nú-

mero de companhias, tudo bem. Mas isso não está acontecendo.

Folha - Seria possível medir essa retração do mercado de trabalho?

Quadros - Em 1989 havia 2,5 milhões de trabalhadores de classe média no Estado de São Paulo, representando 36% do total de trabalhadores do setor privado. Até 1994 houve um corte global nessas ocupações de 456 mil postos de trabalho, o que representa 19% do contingente de 1989.

Folha - Em que setores o enxugamento é maior?

Quadros - Nos níveis intermediários de gestão, como gerentes, técnicos administrativos e supervisores de fabricação. Também nas áreas em que a terceirização foi maior, onde esses cortes foram

ainda mais significativos.

Folha - Quais seriam os caminhos para reverter essa situação?

Quadros - Só mudando a orientação da política social e econômica do país. O país também tem que se reposicionar em relação ao mercado internacional.

Folha - De que forma?

Quadros - É preciso deixar de ter uma política subordinada, principalmente em relação aos interesses financeiros internacionais. Isso leva a uma retração das atividades produtivas e a uma subordinação das áreas sociais. Temos que mudar nossa maneira de nos relacionar com o mercado externo. Mas, até o momento, não houve sustentação política para reverter esse quadro.